

## DO RELIGIOSO AO ARTÍSTICO: O INVENTÁRIO PARTICIPATIVO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO<sup>1</sup>.

*Beatriz Souza Oliveira<sup>2</sup>*

*Tamiris Aparecida Andrada da Silva<sup>3</sup>*

*Vinicius Olimpio Ramos de Oliveira<sup>4</sup>*

**D**efinir a origem de uma peça no contexto afro-luso-brasileiro é uma tarefa complexa, por isso, atribuir um significado ou valor a um determinado objeto é trabalhoso. Dessa forma, dizer o que é patrimônio é ainda mais problemático, pois, o mesmo está atrelado à memória e identidade de uma comunidade, em meio às suas narrativas e experiências que se estabelecem perpetuadas pelas disputas de poder simbólico. Diante desse contexto, o pequeno município de Ibituruna-MG, com suas particularidades e principalmente pela presença da imagem devocional de Nossa Senhora do Rosário, se torna pertencente a essa relação de conectividade e de proximidade causada por estes elementos citados anteriormente. A Universidade do Estado de Minas - Unidade Campanha promoveu a realização de várias ações para o patrimônio durante o ano de 2017, visando ampliar a percepção e compreensão da comunidade quanto aos seus bens culturais móveis e imóveis, suas práticas e narrativas, tendo em vista, que o valor mais redundante que os sujeitos destinam a esse bem é o religioso e devocional, tornando evidentes os desafios para o reconhecimento da mesma enquanto objeto artístico, ao mesmo tempo em que, revelam a necessidade de preservar e conservar o objeto enquanto um bem cultural, configurando o inventário como uma estratégia para documentar e auxiliar neste processo. **Palavras-chave:** Devoção; Memória; Valor Artístico.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pelo professor Francislei Lima da Silva, doutorando em História da Arte pela Unicamp.

<sup>2</sup> Graduanda do 4º período do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Campanha.

<sup>3</sup> Graduanda do 4º período do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Campanha.

<sup>4</sup> Graduanda do 4º período do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Campanha.

Uma parte muito importante da vida cotidiana no período colonial brasileiro circunda pela religião, o que em sua maioria corresponde às práticas católicas pertencentes a cultura do colonizador. Mesmo sendo um elemento inicialmente entendido como parte identitária do homem europeu, existem pesquisas da historiografia revisionista sobre este período afro-luso-brasileiro que nos mostram a inserção das práticas católicas na pré-diáspora.

A ordem dominicana se fez presente nos primeiros contatos culturais com os povos africanos. Os contatos foram feitos ainda pela costa, sem a intenção de interiorizar o continente, e o que por sinal coube aos próprios africanos por fazê-lo, de modo que o contato e o entendimento sobre os elementos católicos foram aceitos facilmente.

“Sabe-se, no entanto, que a Ordem de São Domingos não estabeleceu casa na África. Os religiosos de São Domingos - que assumiram a tarefa de fazer a pregação da devoção de Nossa Senhora do Rosário - encetaram trabalho missionário nas suas peregrinações pelo continente africano, porém, faltam-nos informações sobre a duração e o trabalho efetivo por eles realizado junto aos negros.”<sup>5</sup>

Ao mostrarem símbolos e elementos da fé cristã os dominicanos fizeram este contato primário, e a partir de elementos muito significativos e expressivos de fé como a cruz e uma imagem da virgem através da devoção de Nossa Senhora do Rosário, os africanos elaboraram novos significados perante a ótica de sua própria cultura. O movimento de ressignificação e apropriação de símbolos facilitou a introdução de fragmentos de outra fé.

As práticas ritualísticas da cultura Bantu possibilitaram essa movimentação, uma vez que reúnem diversas características particulares que foram muito bem aproveitadas posteriormente ao contato com os dominicanos, justamente na experiência dos africanos no pós-diáspora, pois na cultura dos antigos povos Bantus a religião estava ligada às práticas políticas e religiosas, relações familiares e também a ancestralidade, caráter e atribuições que serão dadas as irmandades de cor no Brasil.

Pensando justamente no momento pós-diáspora, e da inserção do negro no corpo social como escravo, e pelo acervo documental do período, muitas vezes entendido pelos senhores como um objeto. Além de retirar desse indivíduo do seu cotidiano, da sua cultura, do seu povo, da sua sociedade, os portugueses fizeram também com que os africanos passassem por um processo de coisificação.

---

<sup>5</sup> BORGES, Célia Maia. Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: século XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005, p. 50.

Refletindo acerca desses aspectos nos deparamos com a problemática de como o sujeito negro foi subjugado nesse novo contexto social; da relevância da religião e das práticas religiosas, podendo ser entendidas como ações de resistência coletiva, e também como apoio para os mesmos.

“Essa devoção dos pretos por Nossa Senhora do Rosário é uma das coisas mais tocantes de nossa História Social. Levavam eles o rosário ao pescoço e, depois dos terríveis trabalhos do dia, reuniam-se em torno de um ‘tirador de reza’ e ouviam-se então, no interior das senzalas, o sussurrar das preces dos cativos.”<sup>6</sup>

A criação das irmandades de cor neste aspecto foram muito importantes para apoiar esses indivíduos socialmente e também economicamente, uma vez que, essas instituições não tinham somente a base religiosa, mas também resgatam a essência da cultura Bantu, que são elementos extremamente importantes para a comunidade africana e seus descendentes no Brasil, perante o convívio harmonioso com seus iguais e na relação da identidade negra coletiva.

Mesmo com todas as metamorfoses da comunidade contemporânea brasileira, as práticas festivas e cultos religiosos ainda permanecem, por sua força e relevância na vida cotidiana no período colonial, conectando e mantendo a relação entre a identidade cultural e a sociabilidade na comunidade atual.

“Devoções, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação.”<sup>7</sup>

Assim, fica evidente a importância da manutenção e preservação do patrimônio material ligado a essas práticas ritualísticas, e por si só justifica a relevância da realização do inventário participativo da Nossa Senhora do Rosário de Ibituruna. Esta devoção em particular se inclui no cenário dos muitos objetos devocionais que foram furtados, em razão do fácil acesso ou pela falta de informações nas documentações

<sup>6</sup> LIMA JÚNIOR, Augusto de. Nossa Senhora do Rosário. In: *História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origens das principais invocações*. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora PUC Minas, 2008. Coleção Historiografia de Minas Gerais. Série Alfarrábios, 1. p. 94.

<sup>7</sup> COUTO, Edilece Souza. *Devoção, Festas e Ritos: Algumas Considerações*. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História, p. 2.

existentes ou inexistência da mesma, o que representa uma grande dificuldade no processo de recuperação da peça.

Contudo, o pequeno município mineiro, obteve um resultado diferente da maioria dos casos de roubo de esculturas religiosas, sendo umas das poucas que puderam ser restituídas no estado de Minas Gerais. Ocorrido que se baseou na relação devocional e de proximidade com o bem cultural, por parte de Rosária Olímpia dos Santos, a zeladora da capela, a qual, por meio de um sonho foi sensível ao roubo da imagem e no dia seguinte guardou as coroas da Nossa Senhora do Rosário e do Menino Jesus, garantindo a permanência desses elementos originais na comunidade diante do furto no dia 23 de junho de 1996.

Todavia, as experiências sensíveis vivenciadas por Rosária, configuraram o quadro possível de identificação da escultura, já que, mesmo sem nenhuma formação técnica sobre patrimônio religioso ela conseguiu realizar a descrição estilística da peça e assim assegurou o retorno da imagem à comunidade.

“(...) minha filha Mariete assistia o jornal da EPTV, várias peças sacras roubadas foram mostradas, uma das imagens era de Nossa Senhora do Rosário. Nós fomos a Belo Horizonte buscá-la, não havia foto da imagem, mas falei alguns detalhes, como os dedinhos serrados, os três anjos aos seus pés, sendo reconhecido, a imagem foi entregue pelo IEPHA e pela Delegacia de polícia aos 7 de maio de 1998. Foi uma grande festa com a chegada da Virgem do Rosário.”<sup>8</sup>

Deste modo, apresentamos o diálogo da Universidade com a comunidade, aspecto que possibilitou o conhecimento desse quadro de forte devoção pela Nossa Senhora do Rosário e de suas narrativas carregadas de sensibilidade. Por conseguinte, com base no estado de conservação da imagem e da inexistência da documentação de identificação da mesma, a atividade inicial com a comunidade buscou expor essa necessidade e ao mesmo tempo propor um exercício para que pudessem compreender que a escultura possui outros valores além do religioso e devocional, o que foi facilmente identificado pelos estudantes do 3º ano da Escola Estadual Professor Júlio Bueno, participantes da primeira ação educativa realizada com a municipalidade, a qual fez parte da 9ª Jornada Mineira do Patrimônio.

Essa atividade se constituiu na elaboração da primeira etapa do inventário participativo de Nossa Senhora do Rosário de Ibituruna, envolvendo 45 alunos. Esses realizaram a identificação do objeto e a medição das dimensões. Além disto, o processo de colocação de olhos de vidro e da técnica de douramento também foram apresentados a eles.

---

<sup>8</sup> Trecho de uma das entrevistas realizadas para compor a parte histórica do inventário da peça. A entrevistada foi Rosária Olímpia Santos em 2017, na cidade de Ibituruna, Minas Gerais.

Terminada a primeira parte do preenchimento do documento, a descrição formal identificou a peça como uma Figura feminina, jovem, de pé, posição frontal, serena, cabeça reta, rosto oval, sobrancelhas arqueadas, olhos amendoados, nariz afilado, boca semiaberta, lábios carnudos, queixo em montículo, cabelo longo em mechas, pescoço longo, braço direito flexionado, braço esquerdo segurando uma criança, mão direita entreaberta, perna direita flexionada, perna esquerda reta, pés em ângulo, veste véu branco, túnica com elementos fitomórficos na manga do braço direito, peito e cintura, manto em tons de vermelho e azul, base atributiva em forma de nuvens circulares que destacam três querubins, base octogonal.

Outras partes do inventário foram feitas posteriormente necessitando uma análise mais rigorosa para a atribuição de data e origem seguindo o Guia de Identificação de Arte Sacra<sup>9</sup>, como a fatura da mesma, que pode ser erudita, popular ou de fronteira e se a imagem é processional, de retábulo, ou de vestir. A partir das características físicas da peça, concluímos que se trata de uma escultura de retábulo, visto que ela possui proporções para “compensar” a distância em relação ao observador, como sua cabeça e o Menino Jesus que são grandes comparados ao resto do corpo, e que a mesma é de uma fatura erudita, perceptível principalmente na qualidade da talha e na proporção do resto do corpo, quanto à posição das articulações dentro do panejamento, demonstrando que o artífice dominava a técnica.

A partir daí, foi possível realizar a datação da imagem, atribuída a meados do século XVIII devido à presença de características como a forma que seus cabelos são expostos, cobertos por um véu, com mechas e tranças saindo pelas laterais, acompanhando os ombros<sup>10</sup>. E o seu movimento e assimetria, com um panejamento, que se projeta em linhas diagonais, de forma esvoaçante e fantasiosa, algo fortemente presente nas esculturas deste século, além da presença dos olhos de vidro que, segundo Raphael Fabrino (2012), só passaram a ser utilizados após 1738.

Sua origem é atribuída a Minas Gerais, que possui esculturas com características como o douramento discreto limitando-se, nesse caso, à barra de sua veste e seu manto, assim com as feições de seu rosto, que aparentam “certa ingenuidade e taciturnidade”<sup>11</sup>, e a movimentação de seu panejamento.

Algumas outras análises foram feitas após a primeira atividade, como iconográfica, estilística e técnica, assim como uma pré-análise do estado de conservação da imagem<sup>12</sup>.

Dando sequência na elaboração do inventário um grupo de estudantes nos auxiliou na coleta de materiais para fundamentar a documentação do bem cultural. Consequentemente, com essa ajuda foi possível a realização de entrevistas com os habitantes do município, etapa que se concretizou por meio do uso de redes sociais, como Facebook e Whatsapp, as quais possibilitaram o compartilhamento das informações.

---

<sup>9</sup> FABRINO, Raphael João Hallack. Guia de Identificação de Arte Sacra. IPHAN – 2012.

<sup>10</sup> *Idem.*

<sup>11</sup> *Idem.*

<sup>12</sup> A mesma aguarda a avaliação de um profissional formado na área de museologia, ou conservação e restauro.

Posteriormente, recebemos um convite da escola para que pudéssemos participar da Feira Cultural, oportunidade que representou a possibilidade de apresentar os resultados do inventário participativo obtidos até então para a comunidade local. Logo, desenvolvemos a segunda atividade para a educação patrimonial, intitulada Mostra para o Patrimônio, a qual se baseou na utilização de metodologias diversas, a fim de que a aprendizagem significativa pudesse ser atingida.

Desta maneira, a proposta dessa ação educativa foi um itinerário de atividades, sendo formado por seis etapas. A primeira delas era a sinalização do Patrimônio, que sugeria aos participantes uma dinâmica de associação das representações das placas que sinalizam os patrimônios da cidade com os seus respectivos significados, o que para eles evidenciou a falta das mesmas para identificar seus patrimônios.

O próximo estágio abordava o registro do Patrimônio. Para esta etapa utilizamos o mapa mineiro com alfinetes que destacavam os bens culturais tombados. Além disso, a mesma também era complementada com materiais disponibilizados pelo Ministério Público, pela Promotoria Estadual de Defesa do Patrimônio de Minas Gerais que apresentavam temáticas, como: o roubo das peças; a manutenção da segurança e a conservação de bens culturais. A partir desses temas foi possível fazer um *link* com a necessidade de assegurar medidas que possam identificar e garantir a segurança, tal como a preservação do patrimônio.

Assim, usufruir da definição do Registro Geral foi fundamental para que os indivíduos refletissem sobre os elementos de identificação em nosso meio social. No entanto, pensando em dialogar com esse impasse da falta de documentos de identificação para o âmbito patrimonial foi criado o (RG) da Nossa Senhora do Rosário, que contém um diferencial no espaço reservado para a digital, uma vez que, este permanece em branco, mas representa as marcas do tempo e as particularidades da peça. A exposição desse documento gerou muitos apontamentos e discussões que possibilitaram a compreensão por parte da comunidade que os próximos passos seriam aspectos fundamentais para constituir o inventário.

Deste modo, a parte seguinte de explanação dos conceitos de cânone e eixo em suas vertentes teóricas e prática, exemplificou a identificação das medidas e da simetria da escultura, já que, para esse processo dispomos de várias cabeças da Nossa Senhora do Rosário para a medição do cânone e de fios para a análise da simetria.

Ainda no enfoque prático, consolidamos a próxima etapa, tendo por base a relação de proximidade com o bem e a experiência sensível de explorar elementos que antes talvez passaram despercebidos. A metodologia que respaldou esse estágio foi uma cartilha elaborada pelo orientador que apresentava as principais características do rosto da Nossa Senhora do Rosário, como o formato dos olhos, nariz e boca, elementos que dentre as opções da cartilha, deveriam ser analisados pelos participantes e identificados na escultura.

A última dinâmica simulava os cuidados com as peças de cunho religioso. Pensando nesta problemática, a proposta se embasava na disposição de vários materiais de uso cotidiano, bem como dos que são indicados para a higienização de esculturas de madeira. Diante dessa proposta ficou claro que muitos dos materiais dispostos de maneira errônea eram utilizados na limpeza das esculturas, podendo contribuir para o desgaste da peça.

Por fim, a escola elaborou mais uma parada em nossa itinerância de atividades com várias fotos do município com a finalidade de “enfeitar” o espaço onde a Mostra estava instalada. Entretanto, esse episódio representou o diálogo dos conceitos apresentados com as narrativas locais que mesmo estando atreladas ao culto a Nossa Senhora do Rosário se estendem de acordo com as vivências de cada indivíduo, as quais são valiosíssimas para que as práticas, devoções, costumes e memórias se mantenham vivas e conectadas por um elemento capaz de unir as vivências individuais e coletivas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Deste modo, com base no contexto vivenciado pelo pequeno município é evidente que ações educativas para o patrimônio são de extrema importância para que haja o reconhecimento dos bens que se inserem na vida desses sujeitos, assim como, dos valores artísticos, estilísticos, técnicos que constituem os patrimônios que fazem parte de seus significados e de suas memórias.

Além deste aspecto é válido ressaltar o interesse da comunidade como público interativo, desde a primeira atividade, a qual gerou o grupo de alunos voluntários e monitores na feira, e posteriormente, pela presença de 400 participantes na Mostra do Patrimônio, resultando em uma experiência sensível para todos os envolvidos, de maneira que a conectividade entre as narrativas, os sentidos, valores e o bem cultural mais uma vez se fez presente, tornando possível o alcance de uma repercussão positiva e um retorno valioso por parte da comunidade.

Assim, compreender as especificidades dos sujeitos e seus dizeres é fundamental para que possamos garantir a aprendizagem significativa e o diálogo com aquilo que se encontra fora da Universidade, evidenciando o teor humano e prático das questões que mesmo sendo específicas de um determinado grupo e realidade, são relevantes para entendermos o que fundamenta os cultos, costumes, as práticas, memórias e conseqüentemente os patrimônios de cada localidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: século XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória*. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.
- CADERNO de diretrizes museológicas 1*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Superintendência de Museus, 2006.
- COUTO, Edilece Souza. *Devoção, Festas e Ritos: Algumas Considerações*. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. História Oral (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.
- DUARTE-JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível*. Campinas: UNICAMP, 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Nossa Senhora do Rosário*. In: História de Nossa Senhora em Minas Gerais: origens das principais invocações. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Editora
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: Educ, n. 10, dez 1993.
- POMPÉIA, Maria do Rosário de. *Memória histórica de Ibituruna: primeiro povoado mineiro*. São João Del Rei: Gráfica Imprimax, s/d.
- FABRINO, Raphael João Hallack. Guia de Identificação de Arte Sacra. IPHAN – 2012.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.